

José Lins e Marcos Freire não chegaram a acordo

10 JUN 1981

CORREIO BRAZILIENSE

Negociação malogra, obstrução continua

Com a comunicação ao líder do PMDB, senador Marcos Freire, de que a liderança não tem condições de assumir compromisso, em nome do partido, em torno de um calendário prévio para tramitação e deliberação da reforma eleitoral, o PDS praticamente encerrou ontem qualquer possibilidade de acordo com as oposições visando à desobstrução da Ordem do Dia no Senado, que começou dia 27 de março. As lideranças dos dois partidos trocaram acusações sobre as responsabilidades do impasse, que deve perdurar até o final do semestre legislativo.

Como coordenador dos entendimentos o senador José Lins esteve pela manhã no gabinete do senador Marcos Freire e até o meio da tarde de ontem ainda anunciava para as próximas horas um acordo. Baseava-se para tanto na constatação de que não interessa a nenhum partido demorar com as reformas eleitorais, já que elas são fundamentais indistintamente a todas as agremiações.

Disse o senador José Lins que o interesse do PMDB coincidia com o do PDS, visando apressar as reformas. Contudo - explicou no final da noite - isso não quer dizer que o partido se compro-

meta com um calendário prévio e com prazos rígidos para a deliberação da matéria. Por essa razão, a maioria entendeu que a minoria colocou o problema em termos impossíveis de negociações.

Pela manhã, segundo informações do senador Marcos Freire, ele esteve com o presidente do Senado, Jarbas Passarinho, que achou razoável a proposta do PMDB para a desobstrução, quando esclareceu que lhe faltava outra fórmula para resolver o problema. À noite, responsabilizou a maioria pela obstrução, que o PDS assumiu, na sua opinião.

O líder do PMDB, porém, admitiu a possibilidade de continuar a conversar com as lideranças do PDS, embora não veja futuro nessas negociações, pois nada mais há a propor da parte das oposições além do já divulgado anteriormente.

O senador José Lins considerou a obstrução como problema das oposições, porque elas colocam o assunto em termos impossíveis. Cedo, ele ponderou que não considerava perigoso assumir compromisso em nome do PDS sobre matéria eleitoral, porque esse era um assunto importante para todos os parla-

mentares e também da classe política.

"Não vejo motivo para a obstrução se a questão é apenas apressar a decisão da reforma eleitoral", disse ainda o vice-líder do PDS, para garantir que esse era o desejo de seu partido, também ansioso por conhecer as regras do jogo. Mas admitiu que só em agosto, ou um pouco mais tarde haveria condição para discutir a matéria, o que não seria suficiente para impedir os acordos.

Todavia, enquanto prestava essas declarações, o também vice-líder Murilo Badaró articulava parte da bancada do PDS no sentido de não fazer acordo com as oposições em torno da reforma eleitoral, que entende assunto muito sério para ser negociado pela desobstrução.

De acordo com Badaró, as oposições devem cuidar do problema da obstrução sózinha, porque o Governo não se prejudica com ela. Esse ponto de vista foi depois exposto ao líder do PDS, senador Nilo Coelho, que além de nada ter falado sobre o problema, negou-se até mesmo a ser fotografado no gabinete do senador José Lins, onde foi em busca de solução para o impasse.